

# Os tabus da relação difícil

Celibato, ordenação de mulheres, homossexualidade são três tabus da Igreja Católica que provocam cisões. Bento XVI não deu sinais de que a Igreja esteja com vontade de os rever. Reinvenção na Igreja precisa-se, defendem alguns católicos

**Religião**  
**Joana Gorjão Henriques**

Quando este mês o novo Papa for escolhido, na Capela Sistina, a imagem será esta: 117 homens, celibatários, supostamente sem sexualidade. Nos últimos dias, choveram escândalos sobre pedofilia e outros abusos sexuais dentro da Igreja Católica. Membros do clero condenaram os abusos, outros defenderam que não há mais pedofilia dentro da Igreja do que noutras instituições.

“Não se pode dizer que exista uma relação entre o celibato e a pedofilia”, analisa o padre Anselmo Borges. “Mas o celibato enquanto lei pode levar a uma distorção da sexualidade”, diz. “Enquanto continuar a lei obrigatória do celibato, a Igreja estará sob o fogo da suspeita. A Igreja não pode impor como lei aquilo que Jesus entregou à liberdade. Trata-se de uma realidade demasiado intensa e humana para ser entregue a uma lei” que “não só é contra os Evangelhos - havia apóstolos casados - como pode ser contra a natureza humana”.

Celibato, ordenação de mulheres, homossexualidade são três tabus da Igreja Católica que provocam cisões no catolicismo. Bento XVI não deu sinais de que a Igreja esteja com vontade de os rever. Em relação às mulheres, a posição também não foi de flexibilidade. No ano passado, 400 padres austríacos apoiados pelo movimento internacional reformador Nós Somos Igreja defenderam um apelo à desobediência pela ordenação das mulheres e o fim do celibato - o Papa criticou-o. No livro *Luz do Mundo - O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos* (2010) diz: “Quando se quer, em nome da não-discriminação, obrigar a Igreja Católica a mudar a sua opinião relativamente à homossexualidade ou à ordenação de mulheres, isso quer dizer que ela já não poderá viver a sua própria identidade, e que, em vez disso, há uma religião negativa abstracta que se transforma em critério tirânico e que todos devemos seguir.”

Um dos grandes problemas da lei

do celibato, analisa a pastora britânica Debbie Flach, é este: “Limita o perfil psicológico dos padres que são ordenados. A generalidade tende a ser introvertido.”

Há, assim, quem tenha desistido da sua missão de padre, como Fernando Félix, de 43 anos, jornalista, presidente da Fraternitas, movimento internacional que reúne padres dispensados - para muitos dos 115 membros em Portugal foi por causa do celibato. Padre durante cinco anos, é hoje missionário com a mulher - se pudesse casar, não teria deixado de ser pastor. “Tenho visto muitos padres que têm uma vida dupla. E os que assumem têm que deixar de ser padres”, diz. O movimento defende que o celibato deve ser opcional e que, indo às origens, não há justificação para ser obrigatório: “Pedro e outros apóstolos eram casados”.

O padre Anselmo Borges, também teólogo e professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, confirma que o celibato passou a ser lei no Ocidente apenas a partir do século XII, com o Concílio de Latrão II, na “famosa reforma gregoriana”. Fundamento: a Igreja quer que os padres tenham uma vida monacal e quando se “impõe a ideia da missa como sacrifício impõe-se a ideia de pureza que já vinha do Antigo Testamento”. Há razões “mais subtis”: “É uma forma de não haver nepotismo. Não tendo filhos, impede-se o padre de nepotismo e, por outro lado, de dispersar os bens da Igreja.”

O teólogo não tem dúvidas de que “há uma relação má da Igreja Católica com a sexualidade, que envenena”, por seu lado, “a relação com a sociedade”, e se manifesta nas posições sobre a contraceção e o uso do preservativo - que, apesar de tudo, Bento XVI admitiu em certos casos, como a prostituição. “Fê-lo de forma bastante tímida, mas abriu a porta”, comenta.

## Mulheres discriminadas

Foi das primeiras pastoras da Igreja de Inglaterra a serem ordenadas em 1994. Debbie Flach, casada, retrata uma experiência que “tem

sido difícil”: a Igreja de Inglaterra “ainda não se habituou ao facto de as mulheres poderem ser ordenadas como os homens”, diz. “Recebi muitos comentários rudes e insultuosos, tanto do público como de colegas.”

Não quer repetir os comentários, de tão fortes que são, mas dos colegas padres ouviu: “Não és pastora porque és mulher”.

Ao longo destes quase 20 anos, a aceitação do seu papel na Igreja tem sido lenta. “Se somos todos iguais aos olhos de Deus, as mulheres são chamadas a servir Deus, quer como freiras, quer como membros do clero”, defende.

Recuando historicamente, Anselmo Borges sublinha que Santo Agostinho, e a sua concepção do pecado original, “que se transmite sexualmente”, incutiu à sexualidade algo de “pouco dignificado” e à mulher a ideia de fonte “de tentação e de pecado”. Bento XVI, situa, vem de uma tradição teológica agostiniana. Também não mostrou abertura em relação às mulheres. “Mas este problema tem que ser resolvido, mais tarde ou mais cedo”, defende. “A Igreja tem que ser fiel à sua origem. O que deve ser o centro é o Evangelho, não a instituição, e a Igreja tem de assumir os valores que vêm do Evangelho: a democracia, a igualdade. Consequentemente, não pode haver discriminação das mulheres.”

Anselmo Borges diz que era preciso um Papa que fizesse “uma reforma estrutural”. “A gente não sabe muito bem quem manda naquilo. O Papa, por um lado, é um monarca absoluto, por outro, não controla a corte. Mas a Igreja Católica vive neste paradoxo: não conheço mensagem mais libertadora do que a do Evangelho e, por outro lado, a estrutura de poder é centralizada.”

Não só Bento XVI não “aprofundou” o debate sobre o papel das mulheres, diz Ana Vicente, do movimento Nós Somos Igreja, como “o fez retroceder”. Dá vários exemplos de bispos “suspensos” por defenderem a ordenação de mulheres, “medidas drásticas que não foram tomadas com padres ou bispos acu-



“Há uma relação má da Igreja Católica com a sexualidade, que envenena”

**“A grande reconciliação que a Igreja precisa de fazer é com o corpo. O catolicismo é uma religião da humanidade corpórea”**

**Padre Anselmo Borges**

sados de pedofilia”. Em 2012, o padre americano Roy Bourgeois foi suspenso pelo Vaticano por ter dirigido a homilia de uma ordenação simulada de mulheres, e defendido em público esta posição. Também no ano passado o Vaticano acusou o grupo Leadership Council of Women Religious, que reúne 80% das freiras americanas, de promover “temas radicais feministas incompatíveis com a fé católica”, e de se focar menos contra o aborto e a eutanásia - apontou por isso um bispo para as supervisionar.

“O movimento Nós Somos Igreja gostava de uma reestruturação profunda, uma democratização e evangelização para acabar com uma casta clerical e com o fosso en-

# il da Igreja com o corpo



YARA NARDI/REUTERS

diz o padre Anselmo Borges

tre leigos e clero”, diz Ana Vicente. “Os ministros ordenados devem emanar da comunidade, mas não deve haver distinção entre homens e mulheres, velhos e novos, casados e solteiros.” Ana Vicente não encontra “justificação teológica para excluir as mulheres da ordenação ou do serviço da Igreja. “As mulheres e homens são pecadores e também são chamados à santidade. Não há 10 mandamentos para os homens, e 10 mandamentos para as mulheres. Jesus disse: ‘Dentro da minha casa há várias moradas’. Não é para ser tudo igual. Mas a Igreja tem de pensar na riqueza da diversidade humana.”

Teresa Toldy, teóloga e professora na Universidade de Coimbra,

**“Enquanto uma mulher não puder ser Papa, não haverá igualdade. A Igreja é a única instituição à escala global que se permite excluir pessoas com base naquilo que elas são”**

**Teresa Toldy**  
Teóloga

contextualiza as posições pró e contra a ordenação das mulheres. Contra: o Vaticano defende que Cristo não ordenou mulheres, portanto não há tradição. “Mas também não se pode dizer em rigor que Jesus tenha ordenado homens como bispos”. Outro argumento: Cristo era homem, o padre no altar representa-o e como tal não pode ser representado por uma mulher. “Levanta-se a questão: se isso é tão relevante, então só salvou homens e não as mulheres?”

Apesar de ter começado a ser reivindicada há 50 anos, a ordenação das mulheres tem sido defendida mais sistematicamente nos últimos 30 anos, fruto também de um maior acesso das mulheres aos

estudos teológicos, diz Teresa Toldy, que é presidente da Associação Portuguesa de Teologias Feministas. O argumento é que Cristo reuniu à sua volta homens e mulheres, e “o estudo da Bíblia permite fazer esse levantamento”. Por outro lado, defende, Jesus foi um ser humano e pode ser representado tanto por homens como por mulheres. “Jesus Cristo não fez distinção entre homens e mulheres e uma das coisas relevantes para o mostrar é que todos deveriam ter acesso à ordenação”. Mais: “Enquanto uma mulher não puder ser Papa, não haverá igualdade”, diz. “A Igreja é a única instituição à escala global que se permite excluir pessoas com base naquilo que elas são.”

Teresa Toldy considera que Bento XVI, como todos os Papas que o precederam, não teve abertura em relação às mulheres, e que as resistências à mudança se devem ao facto de “as estruturas de poder que existem na Igreja” estarem entregues a homens há séculos. Porém, e apesar de ser conservador, a forma como Bento XVI saiu “abre a porta a coisas interessantes”. “Porque desfaz o mito de que o Papa tem que ser Papa até morrer, o que o colocava em paralelo com o monarca absoluto. Abre a porta à ideia de que o Papa tem um papel de coordenação e não de monarca que está no topo. Ora, se a Igreja for mais democrática, pode estar mais próxima das pessoas.”

## Cristo não excluiu gays

Se a questão do celibato e da ordenação de mulheres é facilmente aceite por alguns membros da Igreja, já em relação à homossexualidade há mais resistências. Afinal, até no mundo secular esta é uma questão polémica - Portugal só permite a celebração de casamentos entre pessoas do mesmo sexo desde 2010.

Anselmo Borges, por exemplo, defende que “deve existir uma instituição jurídica que salvaguarde os seus direitos”, mas “não” é “favorável a que se use a palavra casamento”. O padre Francis Lucas, filipino, tem uma posição parecida. “Os homossexuais devem ser respeitados, são pessoas. Mas quanto ao casamento gay, é diferente: a tradição católica diz que o casamento é entre homem e mulher porque o objectivo é a procriação. Se os homossexuais querem viver juntos, não há problema. Casar é diferente.”

No anglicanismo britânico, por

exemplo, os homossexuais podem ser ordenados padres, mas têm que ser celibatários porque não se celebram casamentos gay, diz Debbie Flach.

Como é vivida pelos católicos homossexuais uma orientação condenada pela Igreja Católica? Desde Maio de 2009 que a Rumos Novos se reúne para partilhar experiências e momentos de oração e par se ajudarem na “conciliação da fé” com a sua “orientação sexual”, descreve o fundador José Leote, de 50 anos.

Com uma lista de cerca de 1000 subscritores, e cerca de 15 a 20 membros que se encontram regularmente em Évora, o grupo foi formado pelo facto de “cada um, nas suas respectivas paróquias, não poder, de forma aberta, assumir a sua orientação sexual”. “Houve membros que eram catequistas e que, quando se soube, foram forçados a deixar de o ser”.

Defende que “não existe contradição” entre acreditar em Deus e ser homossexual. “Jesus Cristo nunca excluiu ninguém. A Igreja tem feito a interpretação de que acolhe os pecadores e não o pecado. Acolhe desde que tenha um comportamento casto, ou seja, desde que seja um homossexual não-praticante”.

A condenação da homossexualidade surge, defende, de “alguma tradição da Igreja na interpretação da mensagem de Cristo, não é um dogma de fé”. José Leote exemplifica: no Levítico, usado por quem condena a homossexualidade, diz-se que “se um homem coabitar sexualmente com um varão, cometeram ambos um acto abominável”. “Mas a Igreja esquece-se que também se diz que não se pode comer carne de porco, etc.”

Apesar da discriminação que sente, explica por que manteve a fé: “Ser católico é muito mais do que a orientação sexual, é acreditar na mensagem que Cristo nos deixou”. Expectativa sobre o novo Papa: que tenha uma “nova abordagem da sexualidade humana toda e faça uma reapreciação do celibato”.

De volta ao padre Anselmo Borges: “A grande reconciliação que a Igreja precisa de fazer é com o corpo”. O cristianismo tem no seu centro o corpo, a “começar pela Bíblia”: “Jesus Cristo ressuscitou e está vivo enquanto realidade total, não é apenas pelo espírito. A Bíblia diz que somos julgados pelo que fizermos enquanto corpo. O catolicismo é uma religião da humanidade corpórea.”